

Preso na adolescência?

Cornelis van Dam

A compreensão dos tempos em que vivemos ajuda-nos a lidar e a buscar soluções bíblicas para os problemas que surgem. Não é segredo que a cultura ocidental está numa fase profunda de mudança, principalmente à custa de normas bíblicas. Existem, obviamente, muitas razões para isso. Um desenvolvimento notável que não é frequentemente mencionado tem sido o surgimento da juventude como uma nova autoridade e tendência normativa para grande parte da cultura atual. Curiosamente, dois livros recentes abordam este ponto a partir de duas perspectivas completamente antagônicas. O primeiro foca na influência da juventude de um ponto de vista cultural secular, enquanto o outro examina seu impacto sobre o cristianismo.

Onde estão os adultos?

Em seu livro perspicaz e provocante, *A morte do adulto* (2007), Diana West basicamente argumenta que nossa cultura tornou-se uma cultura adolescente. A expressão mais significativa da cultura jovem é o *rock 'n' roll*. É a inspiração para “*a visão de mundo do adolescente perpétuo que vê restrição e definição como cadeados na autorrealização e autoexpressão*” (34). Em vez de desafiar esses conceitos, os adultos em geral abandonaram seu dever de liderar e dar orientação a seus filhos, e se contentaram em fornecer as informações necessárias para que eles tomem suas próprias decisões. Essa abdicação de responsabilidade é refletida, por exemplo, na educação sexual com muitas informações, todavia, com poucos conselhos morais. “*A principal renúncia do adulto foi também o fracasso dos pais*” (57). Ao abraçar os valores da juventude, a sociedade começou a abandonar a velha autoridade da tradição, a sabedoria acumulada e a razão abraçou a novidade, a emoção e os sentimentos. Práticas e atitudes antiquíssimas foram derrubadas e nada é mais sagrado. As consequências são óbvias na sociedade atual, tanto na atitude de nossa cultura em relação à autoridade em geral, quanto em questões morais, como aquelas referente ao casamento e à família. Aqueles que resistem são considerados fora de moda e antiquados.

A rejeição de nossa cultura das noções tradicionais de autoridade e normas (muitas vezes baseadas na Bíblia) significa que agora temos uma cultura e uma sociedade que se congratula por não ser julgadora. Basicamente, tudo está indo bem. Desta forma, não se pode mais distinguir entre arte e lixo (95) ou o que é publicamente decente ou não. Assim, a imparcialidade da sociedade transforma o cidadão típico naquele que não tem mais certeza de sua própria identidade e tem dificuldade em defendê-la contra outras culturas em uma sociedade multicultural.

Esse crescimento de uma cultura adolescente com a rejeição da tradição e a ênfase em satisfazer-se, tem alguma consequência para a vida da igreja?

Cristianismo adolescente?

Thomas E. Bergler em sua dissertação de Notre Dame publicada como *A Juvenilização do Cristianismo Americano* (2012) apresenta um estudo fascinante de como a cultura jovem impactou a vida da igreja na América do Norte. Ele define “*juvenilização*” como:

O processo pelo qual as crenças religiosas, práticas e características de desenvolvimento dos adolescentes são aceitas como apropriadas para cristãos de todas as idades. Começa com o objetivo

louvável de adaptação da fé para atrair os jovens. Mas às vezes termina mal, com jovens e adultos abraçando versões imaturas da fé. (4)

A juvenilização foi um processo de consequências não intencionais e um subproduto de objetivos nobres. Desejando alcançar a juventude, as igrejas da primeira metade do século XX atenderam à cultura juvenil atual.

Mas, como Diana West já havia observado, o limite entre jovem e adulto tornou-se ofuscado e Bergler reconhece que a juvenilização do cristianismo americano e o surgimento de uma nova idade adulta imatura se reforçavam mutuamente. *“De fato, depois de cinquenta anos ou mais de juvenilização, a espiritualidade adolescente define poderosamente as identidades religiosas de muitos adultos”* (7). Nem tudo isso é ruim. Os jovens podem estar mais entusiasmados com a sua fé e com isso fornecer o zelo e o idealismo necessário, do que os adultos que já estão cansados. Por outro lado, os adolescentes podem ser bastante egoístas e supor que emoções fortes autenticam sua fé e que Deus está lá para ajudá-los a se sentirem melhor ou para curar suas dores emocionais. A espiritualidade juvenil também *“favorece a atividade física, o contato e outras formas corporais como expressão da fé”* (9), o que, no contexto da adoração, pode prejudicar o enfoque no Senhor. Além disso, sua fé deve ser divertida e a igreja deve usar as últimas tendências musicais, tecnológicas e culturais.

Bergler traça os desenvolvimentos ao longo do século XX, onde levaram ao eventual triunfo da juvenilização do cristianismo americano. É um estudo muito interessante no qual são descritas as lutas para conservar a igreja e o mundo separados, enquanto tentamos manter a juventude.

Embora o atendimento aos jovens tenha tido algum sucesso em algumas igrejas, Bergler, também destaca alguns aspectos negativos. Um dos principais é que *“uma vez que ouvem por anos, mensagens simplificadas que enfatizam um relacionamento emocional com Jesus acima do conteúdo intelectual, os adolescentes aprendem que um sistema de crença bem articulado não é importante e pode até tornar-se um obstáculo para a fé verdadeira”* (220). Uma consequência é que muitas pessoas de todas as idades *“não apenas aceitam uma versão cristianizada do narcisismo adolescente, frequentemente a celebram como espiritualidade verdadeira”* (224). E muitos são deixados mergulhados em imaturidade espiritual. Jovens e idosos são todos adolescentes, independentemente da idade

Se o cristianismo norte-americano pode ser descrito dessa maneira, onde chegaremos como cristãos reformados? Dentro do escopo limitado deste editorial, vamos nos concentrar em alguns aspectos da nossa identidade e adoração reformada.

O caminho certo

É óbvio, e Bergler reconhece isso, que uma boa fé não é suficiente. A maturidade espiritual é necessária e vem do progresso de beber leite para comer alimentos sólidos. Uma maneira importante de alcançar esse objetivo é através da instrução da verdade bíblica. Um lar piedoso onde os pais admoestam seus filhos com pregações sólidas, aulas de catecismo e educação cristã são meios importantíssimos para alcançar esse objetivo. Esses instrumentos precisam ser cuidadosamente preservados.

Revista Diakonia - “*Servindo a quem foi chamado a servir*”

Uma igreja deve, evidentemente, fazer o que puder para que os jovens se sintam em casa e façam parte da congregação. Por essa razão, cultivar uma comunhão abrangente dos santos na igreja local é uma questão de alta prioridade. Jovens e velhos andam juntos como cristãos. Isso é refletido em atividades realizadas em conjunto, especialmente no culto público.

No culto dominical, toda a congregação se reúne. Todos estão envolvidos no louvor a Deus e quando ouvem a pregação do evangelho. Houve mudanças litúrgicas ao longo dos anos, a fim de promover um maior envolvimento congregacional, como o canto do Credo Apostólico e o uso comum dos “améns”. Tais mudanças podem fazer com que jovens e idosos experimentem uma participação maior no culto de adoração.

Em termos de alcançar o desafio de uma cultura juvenil, é necessário perguntar se às vezes somos mais influenciados por ela do que podemos admitir. Começaremos com o que pode parecer ser uma questão superficial: mais e mais pessoas estão frequentando a igreja vestida com roupas casuais, isto é, mais associadas com lazer e diversão do que com adoração e culto. Seria isso um consentimento com a nossa cultura jovem ou é um aprimoramento da seriedade do encontro com o santo Deus em adoração reverente? Quando um ministro introduz mais histórias em seu sermão, ocasionalmente acrescentado uma piada, essas adições tornam sua mensagem mais eficaz ou ele está atendendo a uma cultura adolescente que anseia por entretenimento e informalidade? A inserção da tecnologia eletrônica mais moderna no culto seria por motivos justos ou para ser “legal” e mais atraente para a geração mais jovem? A implantação de uma banda jovem no culto público seria para o aprimoramento do louvor ou para satisfazer os desejos de uma mentalidade adolescente? A implementação de solos musicais e testemunhos pessoais seria um fortalecimento da experiência da concentração em Deus e adorá-lo ou seria uma desculpa para os jovens que desejam pelo menos algum entretenimento?

Em nossos dias, frequentemente, há um desejo por algo novo e excitante no culto dominical. Às vezes, argumenta-se que isso nos ajudará a manter a juventude. No entanto, qualquer mudança deve ser baseada em normas bíblicas com o objetivo de elevar o nível da santidade e dar toda a atenção ao nosso Senhor e Salvador. Afinal de contas, é um culto de adoração em honra ao Rei dos reis. Não é uma sessão de bem-estar narcisista para aperfeiçoamento pessoal. As mudanças nunca devem ser introduzidas para acompanhar a cultura que nos rodeia. Pois, no final, apenas nos misturaremos com a atual cultura de juvenalização e comprometeremos seriamente nosso testemunho como igreja de Cristo.

Dr. Cornelis van Dam é professor do Antigo Testamento no Canadian Reformed Theological Seminary

Tradução: Morgana Mendonça.

Revisão: Thaís Vieira.

O website revistadiakonia.org é uma iniciativa do [Instituto João Calvino](#).

Licença Creative Commons: Atribuição-SemDerivações-SemDerivados (CC BY-NC-ND). Você pode baixar e compartilhar este artigo desde que atribua o crédito à Revista Diakonia e ao seu autor, mas não pode alterar de nenhuma forma o conteúdo nem utilizá-lo para fins comerciais.